"Eu sou a videira, vós os ramos" (Jo 15, 5a)
A vocação a permanecer sempre unidos a Jesus para ter a vida

O horror da pedofilia. – Alguns dados. – À luz do Evangelho. – "Irmãos, que devemos fazer?" (*At* 2,37). 1. *Admissão transparente das responsabilidades.* 2. *Primado das vítimas.* 3. *Acompanhamento dos transgressores.* 4. *Prevenção dos abusos.* – O exemplo do Padre Rua. – Conclusão.

Roma, 16 de agosto de 2010
Aniversário do nascimento de Dom Bosco

Caríssimos irmãos,

Escrevo-lhes no dia do aniversário do nascimento do nosso amado Dom Bosco. A sua lembrança leva-me até vocês, em qualquer parte do mundo em que estejam, onde esta minha carta os quer alcançar.

Desta vez, não lhes falo sobre os acontecimentos dos últimos meses; desejo, entretanto, recordar o mais importante deles, que foi, sem dúvida, o encontro com os Bispos Salesianos, realizado em Turim de 21 a 25 de maio. Foi uma oportunidade e um dom muito apreciados por todos os participantes, que se alegraram com as várias celebrações: a Eucaristia na Catedral de Turim, por ocasião da exposição da Santa Síndone, a Solenidade de Pentecostes no Colle Don Bosco, a Solenidade de Maria Auxiliadora em Valdocco. Todos os momentos foram vividos como profunda experiência de salesianidade, caracterizada pela convivência cordial com o Sucessor de Dom Bosco, pelo espírito de família, pela alegre e convicta participação dos vários eventos, pela redescoberta do carisma salesiano como modo específico de realizar o ministério episcopal. De resto, estou certo de que vocês puderam seguir esse e outros acontecimentos de Congregação através do nosso sítio web.

O HORROR DA PEDOFILIA

Após a minha última carta sobre a Pastoral Juvenil Salesiana que, precisamente por tratar do "coração da nossa missão"[1], tenho como de grande comprometimento, proponho-me agora a compartilhar familiarmente com vocês, como um pai com seus filhos, um tema que esteve ultimamente no centro da atenção das mídias e que provocou um grandíssimo e gravíssimo escândalo. Refiro-me à onda de contestações sem precedentes em relação à Igreja, ao sacerdócio e à vida consagrada, após a publicação de notícias sobre horríveis casos de abusos sexuais cometidos contra menores e sobre a forma frequentemente inadequada da sua gestão. São escândalos dos quais reconhecemos a gravidade e contra os quais é preciso tomar providência com prontidão e eficácia. "A Igreja católica", escreveu-se, "encontra-se diante de uma das crises mais profundas da sua história".[2]

Iniciada nos anos oitenta no Canadá, a divulgação destes fatos passou aos Estados Unidos durante os anos noventa, para chegar recentemente à Austrália, Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Inglaterra, Irlanda, Itália, Holanda e Suíça.[3] Os casos até agora documentados revelam um fenômeno que teve o seu pico nos anos 1950-1970, mas que viu episódios acontecidos também muitos anos antes; é possível que ainda se venha ao conhecimento de outros fatos mais recentes. Um verdadeiro "tsunami" de notícias abateu-se – e, infelizmente, não diminuirá de intensidade tão facilmente – contra a Igreja e, às vezes, também contra a nossa Congregação. Imaginar, ou pior ainda, reduzir essas reações apenas a um complô organizado é esquivar-se do problema.

A crise tornou claro que este talvez seja o único caso no qual a sociedade atual, especialmente a mais leiga e secularizada, facil-

[1] P. Chávez. "Encheu-se de compaixão por eles, porque eram como ovelhas sem pastor. E começou, então a ensinar-lhes muitas coisas (Mc 6, 34). A Pastoral Juvenil Salesiana", ACG 407 (2010), p. 46.

[2] Editoriale, *Scandalo della pedofilia: Dio nelle vittime*, "Il Regno" – Regno-doc. n. 10, 2010, p. 289.

[3] Uma breve resenha dos fatos e as reações eclesiais são apresentadas em M. E. Gandolfi, *Geografia de uma crise*, "Il Regno" – Regno-att. n. 6, 2010, 075 (2010), p. 168.

mente tolerante e até mesmo neutra diante dos valores morais e religiosos, não está disposta a transigir nem esquecer, e menos ainda em relação à Igreja Católica.[4]

Para nós, Salesianos, esta crise é de modo especial dolorosa e deprimente. É dolorosa, porque, como membros da Igreja, não podemos deixar de compartilhar com o Papa a profunda confusão, "a vergonha e o remorso"[5] e, com as vítimas, a perturbação e o sentimento de traição que experimentaram com estes "atos pecaminosos e criminais".[6] É também deprimente porque, empenhados como estamos em retornar aos jovens com o coração de Dom Bosco para levar-lhes o Evangelho de Jesus, essas gravíssimas culpas e as reações nem sempre adequadas da autoridade representam um verdadeiro "eclipse da evangelização": "obscureceram", escreveu o Papa, "a luz do Evangelho a tal ponto, ao qual nem sequer séculos de perseguição não tinham chegado".[7] Para nós, Salesianos, enfim, esta crise é particularmente dolorosa e deprimente, porque nela foram envolvidos como vítimas alguns menores, que são a razão do nosso ser consagrados e, como culpados, alguns Salesianos, irmãos por vocação e companheiros de missão.

É minha convicção profunda que podemos e devemos fazer da crise ocasião de purificação radical, pessoal e comunitária, e de renovado esforço de santidade apostólica. Com esta carta, gostaria de oferecer-lhes as motivações e indicar-lhes o caminho para "viver cristãmente a prova".[8]

---

[4] "Qual Estado fez uma investigação em profundidade sobre o tremendo fenômeno tomando também preventivamente providências claras e explícitas contra os abusos de pedofilia presentes entre seus próprios cidadãos, nas famílias ou instituições escolásticas públicas? Qual outra confissão religiosa se moveu para descobrir, denunciar e assumir publicamente o problema, tornando-o claro e investigando-o explicitamente? Evitemos, antes de tudo, a falta de sinceridade, ou seja, de nos concentrarmos no limitado número de casos de pedofilia acertados na Igreja Católica, deixando, porém, de abrir os olhos perante o drama de uma infância violada e abusada muito frequentemente e em todos os lugares, mas sem escândalo" (J. Navarro-Vals, *Il Papa e lo scandalo della pedofilia*, "La Repubblica", 1º aprile 2010, 35).

[5] Bento XVI, Carta pastoral aos católicos da Irlanda, 19 mar. 2010, n. 6.

[6] Ibidem, n. 1.

[7] Ibidem, n. 4.

[8] Card. A. Bagnasco, Prolusione del Cardinale Presidente alla 61ª Assemblea Generale della Conferenza Episcopale Italiana, Roma, 24 maggio 2010, n. 2.

ALGUNS DADOS

Mesmo sendo verdade, e não se deve esquecê-lo, que o "problema do abuso sobre menores não é específico [...] da Igreja",[9] é absolutamente necessário reconhecer o fato de que nela "um único caso de pedofilia já é demais [...]; tal comportamento é duplamente condenável quando a atuá-lo é um homem de Igreja, um padre, uma pessoa consagrada".[10] Dito isto, é preciso reconhecer – e não se deve calar sobre este dado, como o fazem os meios de comunicação de massa – que a Igreja Católica não é o lugar por excelência dos pedófilos:[11] "os casos de pedofilia entre o clero são iguais ou até mesmo inferiores àqueles que se verificam em outras categorias de pessoas".[12]

Os dados, impressionantes pela grandeza do fenômeno do abuso de menores, estão à disposição de todos; pode-se ver, a respeito, um relatório da OMS com a estimativa dos casos de abuso de meninos e meninas, de diversas formas, relativos a 2002.[13] Mais de um milhão e meio de crianças são obrigadas todos os anos a entrar nos circuitos internacionais de exploração sexual, aumentando a população já numerosa de dez milhões de menores que vivem submetidos a redes de prostituição, comércio e turismo sexuais, pornografia. Segundo a Unicef, o comércio sexual é uma indústria que, ao movimentar um giro de negócios estimado em 12 bilhões de dólares por ano, se

[9] Bento XVI, *Carta pastoral aos católicos da Irlanda*, n. 2.

[10] D. M. Crociata, *Sguardo alla situazione della Chiesa in Italia. Discorso alla Commissione presbiterale italiana*, Roma 29 aprile 2010.

[11] Cf. M. *Introvigne, Cosa c'è dietro gli scandali?*, "Avvenire", 22 marzo 2010: "Comparando-se a Igreja Católica dos Estados Unidos com as principais denominações protestantes, descobre-se que a presença de pedófilos é – conforme as denominações – de 2 a 10 vezes mais elevada entre os pastores protestantes em relação aos padres católicos [...]. No mesmo período em que uma centena de sacerdotes americanos era condenada por abusos sexuais contra menores, o número de professores de ginástica e de técnicos de times esportivos juvenis... julgado culpável do mesmo crime pelos tribunais americanos tocava os seis mil [...]. Estando aos relatórios periódicos do governo americano, cerca de dois terços dos abusos sexuais contra menores não vêm de estranhos ou de educadores [...], mas de familiares".

[12] D. M. *Crociata, Sguardo alla situazione della Chiesa in Italia.*

[13] Cf. World Health Organization, *Global Estimates of Health Consequences due to Violence Against Children*, Génève, 2006.

configura como a terceira atividade ilegal, por valor, depois do tráfico de droga e de armas.[14]

Por detrás desta verdadeira "indústria do sexo", há também uma ativa "cultura do sexo", muitas vezes defendida, promovida e, até mesmo, justificada. Em um relatório apresentado à Assembleia Geral da ONU em 21 de julho de 2009, falava-se do crescimento vertiginoso de sítios on-line de natureza pedófila e pornográfica.[15] Não há de que se maravilhar, então, se "segundo algumas estatísticas recentes, uma menina em três, e um menino em sete, sofrem violências sexuais antes de se tornarem maiores de idade".[16] Além disso, deve-se recordar que "a grande maioria dos abusos (84-90%) acontece na família e, para 27%, por um familiar próximo".[17]

Em geral, pode-se dizer que entre os casos de abusos sexuais *denunciados,* 30% referem-se a casos de pedofilia,[18] outros 30% de efebofilia e, para os restantes 40%, trata-se de vítimas maiores de idade. "Somente em 2008, nos Estados Unidos, foram identificados mais de 62 mil atores de abusos de menores, enquanto o grupo de sacerdotes católicos é tão pequeno que não foi nem sequer levado em consideração como tal".[19] Mais concretamente, em relação aos abusos

[14] Disponível em: <http://www.intervita.it/IT/condividiamo/news/22_ottobre_2007_-_notizie_di_intervita.aspx>.

[15] O relatório apresentava a cifra de 261.653 sítios web em 2001; três anos depois, em 2004, seriam cerca de 480 mil.

[16] Cf. *La Repubblica*, 24 ago. 1989, p. 16.

[17] G. Cucci; H. Zollner, "Osservazioni psicologiche sul problema della pedofilia", La Civiltà Cattolica N. 3837 (1º maggio 2010), p. 214. Na Itália, por exemplo, "em 1999, num total de 522 pessoas denunciadas, 357 eram conhecidas das vítimas; entre estas, 228 pertenciam ao núcleo familiar; nos restantes 165 casos, o autor do crime era desconhecido do menor. Em 2000, num total de 621 pessoas denunciadas, 476 eram conhecidas da vítima; destas, 449 pertenciam ao seu núcleo familiar; nos restantes 145 casos, o autor do crime era desconhecido do menor" (M. Piccozzi; A. Zappala, Criminal profiling. Dall'analisi della scena del delitto al profilo psicologico del criminale, Milano, Mc Graw-Hill, 2008, 228).

[18] Estritamente falando, pedofilia é a atividade ou fantasia sexual que tem por objeto crianças e pré-púberes, ou seja, inferiores a 13 anos, por um período de ao menos 6 meses, feita por um sujeito de idade não inferior a 16 anos. Não raramente, ela é identificada de modo incorreto com a efebofilia; esta é a atração de um maior de idade por adolescentes ou jovens. Cf. Associazione Psicologica Americana, Manuale Diagnostico e Statistico dei Disturbi Mentali DSM-IV-TR, Milano, Masson, 2001, 610s.

[19] Nota do P. Federico Lombardi sobre os abusos. Dopo la Settimana Santa, tenere la rotta (9 aprile 2010). Disponível em: <http://www.vatican.va/resources/resources_lombardi-nota-abusi_it.html>.

cometidos por padres católicos, das cerca de 3 mil denúncias apresentadas à Congregação para a Doutrina da Fé no período 2001–2010, apenas 300 casos, 10%, referiam-se a atos de verdadeira e própria pedofilia; para 60%, tratava-se de atos de efebofilia; e, para os outros 30%, de relações heterossexuais.[20] Por que, então, se fala "quase exclusivamente dos casos acontecidos no interior da Igreja Católica, embora constituindo pouco mais de 3% da totalidade dos casos denunciados?"[21]

Embora as estatísticas relativas à Igreja Católica não sejam tão negativas, não é justo defender-se por detrás delas e nem mesmo apelar ao complô. Não há justificativa para uma defesa excessiva: a pedofilia é sempre "pecado grave e crime odioso";[22] quando cometido, então, por sacerdotes ou religiosos, é um escândalo sem comparação. "Não nos podemos surpreender, com efeito, se a reação diante de abusos cometidos por eclesiásticos foi tão forte [...]. O furor e a amargura têm relação significativa com a consciência da elevada qualidade humana e moral do clero, como também com a confiabilidade maior por nós oferecida e esperada dos outros, particularmente em relação aos menores confiados à nossa orientação e à nossa responsabilidade educativa. As expectativas mais elevadas, alimentadas pelo nosso ministério, tornam desmesuradamente mais intolerável e condenável uma traição tão grave e devastadora".[23]

Não nos é lícito fingir que nada tenha acontecido ou que se trate de questões que não nos digam respeito. Também a nossa Congregação foi envolvida em diversos países, provocando desalento, indignação, furor, perda de credibilidade diante de uma história, às vezes, mais do que centenária, de um serviço generoso e qualificado no campo da educação e evangelização dos jovens.

[20] Cf. G. Cardinali, "Chiesa rigorosa sulla pedofilia. Intervista a Mons. Charles Scicluna", Avvenire, 13 marzo 2010, p. 5.

[21] G. Cucci – H. Zollner, "Osservazione psicologiche sul problema della pedofilia", La Civiltà Cattolica N. 3837 (1º maggio 2010), p. 219. Na Áustria, segundo dados oficiais, sobre 527 denúncias, somente 17 referiam-se a religiosos (cf. Il Foglio, 16 marzo 2010). Na Alemanha, segundo o criminólogo C. Pfeiffer, os sacerdotes envolvidos variam entre 0,1% e 0,3% (cf. Süddeutsche Zeitung, 15 marzo 2010).

[22] Card. A. Bagnasco, Prolusione alla 61ª Assemblea Generale della Conferenza Episcopale Italiana, n. 2.

[23] D. M. Crociata, Sguardo alla situazione della Chiesa in Italia.

Sinto-me em plena sintonia com o Papa Bento, e sou-lhe muito grato[24] por ter afirmado que, embora em meio a esta tempestade, estamos a viver sob os ataques do mundo que nos falam dos nossos pecados; os casos de pedofilia e dos sofrimentos a ela relativos "vêm justamente do interior da Igreja, do pecado que existe na [mesma] Igreja".[25] "Nunca faltaram para os cristãos as provas, que nalguns períodos e lugares, assumiram caráter de verdadeiras perseguições. Mas elas, apesar dos sofrimentos que provocam, não constituem o perigo mais grave para a Igreja. O dano maior, de fato, é-lhe causado por aquilo que polui a fé e a vida cristã dos seus membros e das suas comunidades, corrompendo a integridade do Corpo místico, enfraquecendo a sua capacidade de profecia e de testemunho, ofuscando a beleza do seu rosto".[26] De fato, "a maior perseguição da Igreja não vem dos inimigos de fora, mas nasce do pecado na Igreja; [...] a Igreja tem, portanto, uma profunda necessidade de reaprender a penitência, aceitar a purificação, aprender de um lado o perdão, mas também, de outro, a necessidade da justiça. O perdão não substitui a justiça".[27]

"O verdadeiro inimigo a temer e combater", portanto, "é o pecado, o mal espiritual, que, por vezes, infelizmente, contagia também os membros da Igreja [...]. Nós cristãos não tememos o mundo, embora devamos guardar-nos das suas seduções. Devemos, porém, temer o pecado e, por isso, vivermos intensamente enraizados em Deus, solidários no bem, no amor, no serviço [...]. Continuemos juntos com confiança neste caminho, e as provas, que o Senhor permite, levem-nos a maior radicalidade e coerência".[28]

---

[24] Cf. P. Chávez, Carta do Reitor-Mor e dos Salesianos Bispos ao Santo Padre Bento XVI, Turim, 23 maio 2010. A esta carta, o Santo Padre respondeu com uma carta ao Reitor-Mor em 14 de junho de 2010, na qual assim se exprime: "O atencioso pensamento de solidariedade, manifestado numa situação delicada também para toda a Igreja, suscitou no meu espírito profundo reconhecimento, também por ser sinal da intensa comunhão e do ardente afeto que os filhos espirituais de São João Bosco nutrem desde sempre em relação ao Sucessor de Pedro. Desejo, pois, retribuir o cordial testemunho, que muito apreciei, com a garantia da minha constante recordação na oração, com que, de bom-grado, acompanho os louváveis propósitos de renovação espiritual e de sempre mais convicta adesão ao Evangelho manifestados, em nome de todo o Instituto, pelo Senhor e por quantos participaram do significativo encontro".

[25] Idem, Ai giornalisti nel volo da Roma a Lisbona, 11 maggio 2010.

[26] Idem, Omelia alla Messa per i santi Pietro e Paolo, 29 giugno 2010, in L'Osservatore Romano (30 giugno-1 luglio 2010) p. 8.

[27] Idem, Ai giornalisti nel volo da Roma a Lisbona, 11 maggio 2010.

[28] Idem, Regina Coeli, 16 de maio de 2010.

À LUZ DO EVANGELHO

Precisamente por isso, devemos entender a atual crise à luz do Evangelho. Antes, porém, de fazermos, juntos, uma leitura evangélica do que está a acontecer para encontrar aí critérios de revisão e linhas de futuro, gostaria de acenar, embora brevemente, ao contexto cultural e social que vivemos e a partir do qual escutamos o que Deus diz à sua Igreja. A Palavra de Deus ilumina, de fato, as situações que estamos a viver.

As nossas sociedades, em grande parte pós-modernas, aceitam e até mesmo justificam a destruição de embriões, não considerados como seres humanos; comerciam óvulos e espermatozoides; pensam a masculinidade e a feminilidade como simples "gêneros" culturais; querem fazer da morte assistida uma escolha nobre; exasperam com ostentação pública uma concepção de sexualidade marcada por uma difusividade até mesmo obsessiva; difundem a pornografia como forma legítima de diversão. Há, ainda, "as posições extremas de quem, no mundo ocidental, gostaria de dar até mesmo dignidade política à prática da pedofilia".[29] "Por uma espécie de perversão da verdade, vemo-nos diante de uma confusão ética de proporções tais que a realidade se perde no subjetivismo. Vemos assim, que a condenação do comportamento imoral dos religiosos provém do mesmo ambiente cultural que está pronto a aceitar qualquer arbítrio do indivíduo. As motivações são de tipo ideológico, mas também de tipo econômico, como demonstram os escritórios jurídicos americanos que têm ganhado bilhões de dólares graças ao uso inescrupuloso da acusação de pedofilia".[30]

[29] Card.. A. Bagnasco, Prolusione alla 61ª Assemblea Generale della Conferenza Episcopale Italiana, n. 4. "Líder dos Verdes no Parlamento Europeu, Daniel Cohn-Bendit, antigo chefe carismático da contestação, jactou-se de ter não só recomendado, mas praticado sexo com menores quando era professor [...]. Sartre, [Simone] de Beauvoir, Foucault, Jack Lang, futuro ministro francês, assinaram com outros intelectuais, um famoso manifesto onde – em nome da 'liberação sexual' – exigiam a descriminalização das relações com menores, crianças compreendidas. Naqueles 'mestres' revivia uma longa tradição europeia" (V. Messori, Un dolore vero per ridare fiducia, Corriere della Sera, 19 aprile 2010, 11). Outros casos clamorosos são trazidos em G. Cucci; H. Zollner, Contrastare la cultura della pedofilia, La Civiltà Cattolica N. 3838 (15 maggio 2010) 322-325.

[30] A. Gaspari, Indagine sulla pedofilia nella Chiesa. Intervista a L. Bertocchi, studioso di storia del cristianesimo (Zenit, 17.05.2010) 3. Disponível em: <http://www.zenit.org/article-22495?l=italian>.

É neste ambiente que deve ser inteligível, ou seja, que devemos ter a capacidade de *intus legere,* a vontade de Deus a nosso respeito. Encontro nos Evangelhos algumas passagens realmente pertinentes, como a da escolha dos discípulos, que evidencia, de um lado, o amor de predileção de Jesus pelos que são chamados a estarem com ele e compartilharem a sua missão e, de outro lado, a incapacidade de os discípulos viverem à altura da vocação, devido às dificuldades no seguimento de Jesus ou às desilusões que Ele provoca. De fato, um o trai, outro o renega, todos o abandonam (cf. *Mc* 14,43-46.52.66-71). É interessante notar, porém, que, depois da ressurreição e de Pentecostes, a Igreja nasce, não da traição de alguém nem do abandono de todos, mas da fé pessoal, do testemunho corajoso, do ministério a tempo pleno, do martírio dos onze.

Hoje, como antigamente, na Igreja e na Congregação, Jesus continua a chamar e escolher homens "comuns", por vezes frágeis e medrosos; hoje, como antigamente, nem todos foram fiéis; e as mídias noticiaram e realçaram os casos isolados. São muitíssimos, a imensa maioria, os sacerdotes e religiosos que viveram e ainda vivem a própria fidelidade com alegria e dedicação total e gratuita e buscam sem cessar a santidade. É triste que essas histórias – todas de gente boa – foram silenciadas por todos ou quase todos nestes dias de crise! São muitas as histórias de ordinária santidade.

Preferiria, porém, deter-me um pouco num texto de João (15,1-8), que faz parte dos discursos de despedida de Jesus (*Jo* 15,1-16,3).[31] Neles, o próprio Jesus define a existência cristã como permanência nele (*Jo* 15,1-11), ou seja, ser amados por Ele (*Jo* 15,12-17) e odiados pelo mundo (*Jo* 15,18-16,3). À alegoria da videira (*Jo* 15,1-4.5-8), Jesus faz seguir o pedido de permanecer no Seu amor (*Jo* 15,4.5.7.9.10) e produzir fruto (*Jo* 15,2.4.5.8.16). Aqueles que permanecem unidos a Ele, serão amados por Ele. Dele será cortado,

[31] A escolha deste trecho foi-me sugerida pela leitura de uma entrevista, na revista espanhola *Vida Nueva*, do P. Carlos Aspiroz, Mestre-geral da Ordem dos Dominicanos; ao falar da situação da pedofilia na Igreja e avaliar o furor contra ela, dizia que o nosso Deus não é um lenheiro que faz lenha da árvore caída, mas um viticultor que poda a sua videira para que os ramos deem fruto. Resulta realmente uma "boa" notícia saber que, hoje, Deus está trabalhando para purificar e fortalecer a sua Igreja.

separado e destruído quem, infecundo, for-lhe infiel. O discípulo não é infiel, quando e porque comete algum mal, mas quando não produz fruto: a infecundidade revela infidelidade. Quem permanece nele, porém, produz fruto e é amado por Ele como Ele é amado pelo Pai (*Jo* 15,0).

É bastante insólita a identificação de Jesus com a videira (*Jo* 15,1.5). Parte integrante da paisagem de Israel (*Nm* 13,23; *1Rs* 5,5), a videira era uma metáfora do povo de Deus. Jesus diz mais ainda: Ele é a videira, a única e a verdadeira; o seu Pai é o viticultor (*Jo* 15,1); os seus discípulos são os ramos (*Jo* 15,2.5). Ele é a videira verdadeira, porque não frustrou a seu Pai, proprietário e administrador, que trabalha para garantir a fecundidade. Como bom viticultor, o Pai lança fora quem não produz fruto e poda os sarmentos fecundos, para que produzam mais e melhor. Quem vive em Cristo torna-se campo de trabalho do pai, viticultor laborioso.

Podados por Deus, os discípulos, como ramos, estão limpos: a palavra de Jesus separou-os do mundo e centrou-os em Deus (*Jo* 15,3). A poda divina deu-se, portanto, mediante a palavra de Jesus, que os separou, purificou e fecundou. Férteis e limpos, devem permanecer em Jesus (*Jo* 15,4.5). À afirmação central "Eu sou a videira e vós os ramos" (*Jo* 15,5), Jesus acrescenta um dado novo: quem não permanece nele de nada serve; tudo o que realiza é ineficaz; quem não permanece firme nele seca e torna-se inútil, está arruinado, é bom apenas para ser queimado (*Jo* 15,6). Jesus acena à experiência dos discípulos: quando se afastaram dele, perderam-no e perderam-se. Precisamente por isso a promessa que segue tem muita força: permanecer nele e escutar as Suas palavras fará com que os seus desejos se realizem e lhes seja concedido o que pedem (*Jo* 15,7). Quem conservar as palavras de Jesus será ouvido pelo seu Pai; ouvir o que Jesus nos diz faz com que Deus mesmo se ponha a nos escutar!

Convido-os a reler os fatos escandalosos dos abusos de menores à luz desta comparação com que Jesus exprime a sua relação com os discípulos.[32] Através dos acontecimentos, Jesus dirige-se também a nós, seus discípulos. A nós, Ele diz que não basta ouvir,

[32] Cf. J. J. Bartolomé, Cuarto evangelio. Cartas de Juan. Introducción y comentário. Madrid: CCS, 2002, p. 307-309. Servi-me deste estudo para o comentário do trecho evangélico.

mas é preciso permanecer nele. Só assim Ele poderá permanecer em nós; só assim poderemos "fazer alguma coisa" (cf. *Jo* 15,5). E essa alguma coisa não é outra senão o mandamento do amor: "Este é o meu mandamento, que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei" (*Jo* 15,5); esta é a carta de identidade do discípulo: "Disto todos saberão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros" (*Jo* 13,34-35).

Se a missão de Jesus consiste em revelar Deus e o seu amor, a única forma de torná-lo visível e crível é o amor pelos Seus até o fim; "ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos" (*Jo* 15,13). Esta e não outra é a missão salesiana, como se lê no artigo 2 das Constituições: "ser na Igreja sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres". Esse é o modo 'salesiano' de ser discípulo de Cristo, enxertado nele, cuidado pelo Pai. Por isso, nada é mais contrário à missão salesiana do que fazer o oposto, ou seja, "ser sinais do nosso egoísmo perante os jovens, especialmente os pequenos e pobres".[33] Se a glória do Pai é fruto da comunhão com Jesus e do amor recíproco, a ignomínia é justamente o egoísmo manifestado nos maus-tratos, no abuso, na violência contra os menores.

O fato de o mundo não apreciar a vida consagrada é consequência lógica do ódio que teve em relação a Jesus, até decidir a sua morte. O motivo desta rejeição é a pretensão de Jesus vir de Deus e revelar Deus a um mundo que tem suas próprias ideias sobre Cristo e o tipo de relação de Deus. Se os discípulos acabam por fazer próprias as convicções do mundo, então o mundo os acolherá, os reconhecerá como seus, e não os odiará. Jesus, porém, uniu os seus discípulos a si e, como consequência, atraiu também sobre eles o ódio do mundo. Os discípulos não deveriam admirar-se tanto. A sorte do servo não pode ser melhor do que a do seu senhor.

É-nos de conforto o fato de não estarmos sozinhos: o Pai trabalha em nós, purificando-nos com a Sua mão podadora e sendo glori-

[33] Com razão, o Inspetor da Alemanha, P. Josef Grünner, perguntava-se numa carta aos irmãos: o que devemos fazer hoje para dar novamente credibilidade à nossa instituição, à nossa educação, à nossa missão? E a resposta não podia ser outra senão a fidelidade a Dom Bosco, ao seu carisma, à sua missão, ao seu Sistema Preventivo. A única linguagem crível sobre Deus é o amor.

ficado pela nossa comprovada fidelidade ao seu Filho. Contamos também com o Espírito Santo, nosso consolador, advogado e mestre (*Jo* 14,15; 16,7). É a sua inabitação que nos santifica, porque nos mantém unidos a Cristo, como ramos à videira; reforça-nos na luta contra o mal, contra as provocações que provêm do nosso interior e contra as seduções que vêm de fora; guia-nos na escuta e na obediência ao Pai para fazer a sua vontade.

"IRMÃOS, QUE DEVEMOS FAZER?" (*At* 2,37)

Em Jerusalém, no dia de Pentecostes, "judeus de todas as nações que há debaixo do céu" (*At* 2,5) puderam ouvir pela primeira vez o Evangelho pela boca de Pedro, precisamente aquele que pouco antes renegara três vezes o seu Senhor (*Mc* 1,68.70.71; *Jo* 18,17.25.27). O discípulo que havia renegado Jesus foi o primeiro evangelizador, e com que eficácia! Ao final do seu discurso, os ouvintes "com o coração compungido" perguntaram-lhe: "que devemos fazer?" (*At* 2,37).

Como certo dia aconteceu com Pedro, erros até mesmo graves não nos podem subtrair ao mandato de pregar o Evangelho (*At* 1,8). Evangeliza, porém, quem antes, como Pedro, arrepende-se amargamente (*Mc* 14,71; *Mt* 26,75) e, depois do exame sobre o amor (*Jo* 21,15-17), retoma o trabalho da missão (*Jo* 21,19). Os pecados pessoais não são motivo suficiente para abandonar a evangelização, desde que esta seja precedida de uma verdadeira conversão e do retorno à sequela de Jesus. Que fazer, então, caros irmãos?

1. *Admissão transparente das responsabilidades.* Como primeiro passo para a imperiosa conversão, devemos *reconhecer com sinceridade,* coragem e compaixão o que aconteceu, *sentir-nos dilacerados* pelos casos, um a um, de violência contra menores.

Devemos aprender de Bento XVI "a não ter medo da verdade, mesmo quando é dolorosa e odiosa, a não calá-la ou acobertá-la"[34] e "assumir a dor pelas infidelidades, às vezes também graves", de alguns irmãos. "Para recuperar-se dessa dolorosa ferida", precisamos então, em primeiro lugar, "reconhecer diante do Senhor e diante

[34] Card. A. Bagnasco, Prolusione alla 61ª Assemblea Generale della Conferenza Episcopale Italiana, n. 3.

dos outros, os graves pecados cometidos contra jovens indefesos".[35] "Desta dor brota uma tomada de consciência providencial: é preciso viver 'uma estação de renascimento e renovação espiritual' [...] e encontrar novos caminhos para transmitir aos jovens a beleza e a riqueza da amizade com Jesus Cristo na comunhão da sua Igreja".[36]

2. *Primado das vítimas*. Este olhar corajoso e compassivo deve servir, e é a sua confirmação, para reafirmar o absoluto primado das vítimas, cuja confiança foi traída e cuja dignidade pessoal foi violada. Nada poderá apagar o mal a eles infligido, e é compreensível que tenham dificuldades, às vezes insuperáveis, de perdoar os agressores e reconciliar-se com a Igreja, com a Congregação. Nenhuma hesitação, portanto, menos ainda desculpas, em reconhecer que os abusos "ferem num nível pessoal profundo". Estamos diante de pessoas a tutelar, que "pedem principalmente para ser entendidas e acompanhadas, com respeito e delicadeza, ao longo de um itinerário paciente de recuperação e reconciliação, antes de tudo consigo mesmas e a sua história".[37] Além de fazê-las perceber "a nossa dor, a nossa profunda amargura e a proximidade cordial",[38] as vítimas precisam de justiça e de solidariedade. Aqui está o desafio.

As diretrizes claras e imperiosas, dadas há tempo pela Santa Sé, e recentemente revistas e atualizadas[39] deverão orientar o esforço de total transparência na individualização de comportamentos e responsabilidades e no seu contraste e a firme determinação de esclarecer até às necessárias providências, logo que confirmados os fatos. Ainda em 2006, o Papa Bento pedira aos Bispos da Irlanda para

[35] Bento XVI, Carta pastoral aos católicos da Irlanda, n. 2.

[36] Card. T. Bertone, Intervento nell'incontro sacerdotale sull'attualità e bellezza del celibato, Città del Vaticano, 6 giugno 2010.

[37] Card. A. Bagnasco, Prolusione alla 61ª Assemblea Generale della Conferenza Episcopale Italiana, n. 2.

[38] Ibidem.

[39] Congregação para a Educação Católica, Orientações educativas para a formação ao celibato sacerdotal, Roma, 11 abr. 1974; Ibidem, Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio. Roma, 29 jun. 2008. Congregação para a Doutrina da Fé, De delictis gravioribus Congregationi pro doctrina fidei reservatis, Roma, 18 maio 2001. E ultimamente: Congregação para a Doutrina da Fé, Normae de gravioribus delictis, Roma, 15 jul. 2010.

"estabelecer a verdade do que aconteceu no passado, tomar todas as medidas adequadas para evitar que se repita no futuro, garantir que os princípios de justiça sejam plenamente respeitados e, sobretudo, curar as vítimas e todos os que são atingidos por esses crimes aberrantes".[40]

Ao especificar que a responsabilidade dos casos é de competência de cada Inspetoria, devemos recordar que, em nível da nossa Congregação, desde 2002 (19 de julho) foram transmitidos aos Inspetores pelo Reitor-Mor com o seu Conselho algumas orientações sobre o problema dos abusos de menores.[41] Depois, em 2001, o Vigário do Reitor-Mor, em nome do próprio Reitor-Mor com o seu Conselho, em carta de 24 de julho endereçada aos Inspetores, deu algumas disposições concretas sobre a gestão desses problemas, indicando o procedimento a seguir e as normas a adotar, segundo o protocolo transmitido pela Congregação para a Doutrina da Fé aos Ordinários diocesanos e religiosos.

3. ***Acompanhamento dos transgressores.*** Não podemos esquecer os transgressores; membros da nossa Igreja e nossos companheiros por vocação e missão, eles nos pertencem. Traíram "a confiança colocada neles por jovens inocentes e pelos seus pais", "violaram a santidade do sacramento da Ordem sacra, na qual Cristo se faz presente" e não mantiveram fidelidade à sua aliança pessoal com Deus na consagração religiosa. "Com o dano imenso causado às vítimas, um grande dano foi perpetrado à Igreja e à percepção pública do sacerdócio e da vida religiosa".[42] Entretanto, eles não devem ser abandonados; com Jesus, e exatamente como Ele, que veio para chamar não os justos, mas os pecadores (*Mc* 2,17), responsabilizemo-nos por eles e, diante de Deus e dos homens, aceitemos a responsabilidade de sermos "guardas destes nossos irmãos" (cf. *Gn* 4,9).

Exercitemos esta guarda ajudando-os e pedindo-lhes para reconhecerem os seus pecados e "responderem sobre isso diante de Deus onipotente, como também diante dos tribunais devidamente cons-

[40] Bento XVI, "Discurso aos bispos da Irlanda na visita ad limina" (28 out. 2006).

[41] Entre as orientações indicava-se que cada Inspetoria criasse "uma Comissão especial para a gestão dos casos de abusos assinalados, para assistir o Inspetor em sua tarefa".

[42] Bento XVI, Carta pastoral aos católicos da Irlanda, n. 7.

tituídos", pois "a justiça de Deus exige que prestemos contas das nossas ações sem nada esconder".[43] Acompanhemo-los para que assumam a responsabilidade dos crimes cometidos e exprimam o seu desapontamento; permaneçamos ao lado deles também com a oração e a nossa simpatia durante todo o itinerário de correção e de restrição, até que reconheçam abertamente as suas culpas, submetam-se às exigências da justiça, sem jamais desesperar da misericórdia de Deus nem da nossa fraternidade. No caso em que se tornasse necessário um procedimento penal, encorajemos as vítimas a apresentarem o seu protesto e o acusado a oferecer total colaboração.[44]

O abuso de menores é crime, doença e pecado. "Uma pessoa que abusa de menores precisa, ao mesmo tempo, da justiça, da cura e da graça. As três são necessárias, e sem confusões ou mistificações entre si. A pena infligida pelo delito não cura nem concede o perdão automaticamente, como também o perdão do pecado não cura a doença de modo automático nem substitui a justiça, e a cura não substitui a pena e, muito menos, pode perdoar o pecado".[45]

4. *Prevenção dos abusos.* Reparar as injustiças do passado e enfrentar as próprias responsabilidades ligadas ao abuso de menores não bastam. A crise atual, "causada pelas faltas que nós mesmos cometemos enquanto Igreja", e também enquanto Congregação, "é uma possibilidade que nos é dada de nos reaproximarmos de Deus", "para descobrir Jesus ainda mais próximo de quanto jamais imaginamos".[46] Isso nos impele a mais humilde e radical conversão a

---

[43] Ibidem.

[44] A situação legal não é uniforme; em alguns países de cultura jurídica anglo-saxônica, mas não só, o Ordinário, Bispo ou Superior religioso, que toma conhecimento de crimes cometidos pelos seus súditos, fora do sigilo sacramental, é obrigado por lei a denunciá-los à autoridade judiciária. Mesmo em se tratando "de um difícil dever, porque estes Bispos [ou Superiores religiosos] são obrigados a fazer um gesto comparável ao de um pai que denuncia o próprio filho..., nestes casos deve-se respeitar a lei". Se, porém, o Ordinário não está legalmente obrigado à denúncia, deve "dirigir-se às vítimas para convidá-las a denunciar os sacerdotes dos quais foram vítimas", além de prestar-lhes "toda assistência espiritual, mas não só espiritual" (G. Cardinale, "Chiesa rigorosa sulla pedofilia", Avvenire, 13 marzo 2010).

[45] Card. A. Bagnasco, Prolusione alla 61ª Assemblea Generale della Conferenza Episcopale Italiana, n. 2.

[46] T. Radclife, "Venite a me, voi che siete oppressi", Il Regno N. 1076 - Regno-att. n. 7, 2010, p. 201-202.

Deus e aos irmãos e a mais corajosa presença evangelizadora, e traz consigo uma *verdadeira "estação de renascimento e renovação espiritual"*.[47] Mas, que *fazer*, irmãos? Permitam-me dizer-lhes com muita espontaneidade, embora brevemente.

Diz o Santo Padre: "Não se pode negar" que alguns de nós, especialmente chamados ao serviço da autoridade, tenhamos "faltado, às vezes gravemente, na aplicação das normas do direito canônico codificado há muito tempo sobre os crimes de abusos de jovens" e que "foram cometidos sérios erros no tratamento das acusações". Embora, dada a complexidade dos fatos e a implicação afetiva dos envolvidos, seja difícil "obter informações fiáveis e tomar decisões justas [...], deve-se admitir que foram cometidos graves erros de juízo e que se verificaram faltas de governo".[48] Em nome da Congregação, de todos os Salesianos e no meu pessoal, como o Papa Bento e com Ele, "também nós pedimos insistentemente perdão a Deus e às pessoas envolvidas, enquanto entendemos prometer fazer todo o possível para que tal abuso não possa mais acontecer".[49]

Como consequência, empenho-me, e empenho toda a Congregação a, além de manifestar "dor pelo dano causado às vítimas e suas famílias", estimular e "levar a um esforço concentrado para garantir a proteção dos jovens em relação a semelhantes crimes no futuro"[50] em todas as nossas obras e nos serviços que prestamos. Nascemos para "ser na Igreja sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres" (*Const.* 2) e destinados de modo especial a guiá-los e estar a serviço deles. Para que os jovens vivam à vontade entre nós, acompanhados e tutelados, para que as nossas instituições sejam a sua casa e nelas não encontrem nada e ninguém a temer, esforcemo-nos por recuperar e fazer florescer "a cultura da castidade", que caracterizou profundamente o pensamento e a obra de Dom Bosco.

---

[47] Bento XVI, Carta pastoral aos católicos da Irlanda, n. 13.

[48] Ibidem n. 11. Dito com mais clareza: "Quem favoreceu atitudes de indulgência ou práticas de remoção jamais aplicou diretrizes da Igreja, mas traiu-as, deturpando a discrição obrigatória em cobertura cúmplice" (D. M. Crociata, Sguardo alla situazione della Chiesa in Italia).

[49] Idem, Homilia na Missa de conclusão do Ano Sacerdotal, 11 jun. 2010.

[50] Idem, Carta pastoral aos católicos da Irlanda, n. 2.

Sabendo como ele que essa grande virtude "à qual fazem coroa todas as outras [...] sofre muitos e insidiosos ataques do inimigo de nossas almas, porque ele sabe que se consegue roubar-no-la, pode dizer-se arruinado o negócio da nossa santificação",[51] tomo a peito repensar e reforçar as medidas de prevenção em ato na Congregação. Peço às Inspetorias para elaborarem, em sintonia com os procedimentos confirmados pela Santa Sé, e colocarem em prática um protocolo de proteção dos menores, fazendo com que seja conhecido e aplicado pelos Salesianos e pelos colaboradores leigos que trabalham em nossas obras.

Concordo também que "as instituições que se relacionam com crianças e jovens atraiam pessoas que buscam contato ilícito com menores"; e "isso vale para as associações esportivas, as estruturas de assistência aos jovens e, naturalmente, também as Igrejas".[52] Por isso, sinto como meu indeclinável dever acompanhar mais de perto, por meio do Conselheiro para a Formação, o longo itinerário de discernimento das vocações à vida salesiana, verificar a adequação dos procedimentos para determinar a idoneidade dos candidatos servindo-se também das melhores aquisições das ciências humanas, e garantir a sua tempestiva e correta atuação para prevenir situações não compatíveis com a escolha de Deus e a dedicação ao próximo. Sei bem que a atual escassez de vocações poderia levar, às vezes, "à tentação de aceitar facilmente pessoas contagiadas por problemáticas que, com o tempo, se revelaram devastadoras [...]. Os dolorosos fatos destes anos levam a reconhecer, infelizmente, que nem sempre a análise e a proposta formativa resultaram à altura da proposta".[53]

A minha preocupação não termina garantindo a idoneidade dos candidatos à vida consagrada e ao sacerdócio. Entre os elementos que originaram a presente crise, Bento XVI individualizou a "insuficiente formação humana, moral, intelectual e espiritual".[54] Além

[51] J. Bosco, "Aos sócios salesianos", Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales. Roma: Salesiana, 2003, p. 250.

[52] M. Lütz, "La Chiesa e i bambini", L'Osservatore Romano, 17 febbraio 2010, p. 4.

[53] G. Cucci – H. Zollner, Chiesa e pedofilia. Una ferita aperta. Un approccio psicologico-pastorale, Milano, Ancora, 2010, p. 10.

[54] Bento XVI, Carta pastoral aos católicos da Irlanda, n. 4.

de avaliar a autenticidade das vocações, deveríamos nos empenhar mais no acompanhamento dos Salesianos consagrados, padres e coadjutores, "para que o Senhor os proteja e guarde nas situações penosas e nos perigos da vida".[55] Para a prevenção eficaz de abusos, comprometo-me, enfim, a repensar e reformular a formação integral e madura dos irmãos e do pessoal em nossas instituições educativas e pastorais, também do ponto de vista da sexualidade; este sempre foi um não fácil desafio, sobretudo num contexto cultural e social marcado pelo pansexualismo onipresente e pela secularização militante. "No fundo, trata-se de redescobrir e reafirmar o sentido e a importância do significado da sexualidade, da castidade e das relações afetivas no mundo de hoje, com formas muito concretas e não só verbais ou abstratas. Grande fonte de desordem e sofrimento pode ser a sua violação ou subestima!"[56]

Ao escrever de Roma uma carta circular, como eu também o faço hoje, "sobre o modo de promover e conservar a moralidade entre os jovenzinhos, que a Divina Providência tem a bondade de confiar-nos", em 5 de fevereiro de 1874, Dom Bosco dizia aos seus filhos da casa de Turim: "se quisermos promover o bom costume em nossas casas, devemos ser seus mestres com o nosso bom exemplo. Propor aos outros uma coisa boa, enquanto nós fazemos o contrário, é como aquele que na escuridão da noite quiser iluminar com uma lâmpada apagada [...]; dessa forma, não só não se promove o bom costume, mas se dá ocasião para fazer o mal, dar escândalo". E continuava com uma observação atualíssima e severa: "A voz pública lamenta muitas vezes fatos imorais acontecidos com a ruína dos costumes e escândalos horríveis. É um grande mal, é um desastre, e eu peço ao Senhor que faça com que se fechem as nossas casas antes de nelas acontecerem tais desgraças".[57]

Vejam, meus caros, que ao nos referirmos a Dom Bosco, à sua palavra e à sua ação, podemos encontrar lucidez e coragem para enfrentar os desafios atuais. É muito claro aquilo que o nosso amado Pai

[55] Bento XVI, Homilia na Missa de conclusão do Ano Sacerdotal.
[56] Nota do P. Federico Lombardi sobre os abusos (9 abr. 2010).
[57] MB X, p. 1.105.

nos quis dizer: para que o nossos jovens vivam castos, eles precisam da nossa castidade, vivida na alegria da dedicação a eles; sem nós, chamados por vocação a sermos educadores e mestres e vivermos, portanto, aquilo que propomos aos jovens, eles não saberão como consegui-lo, nem terão coragem de se esforçar para viverem castos. Ainda mais, esta é uma coisa que jamais deveríamos esquecer: Dom Bosco teria preferido não ter qualquer obra para os jovens se esse fosse o preço para salvar apenas um deles dos abusos. Ele amava mais a santidade dos seus jovens do que a existência da sua obra. Como não amar este Pai e Mestre?

O EXEMPLO DO PADRE RUA

Não posso, a esta altura, deixar de recordar-lhes os conhecidos e dolorosos "escândalos de Varazze" e o modo exemplar com que o padre Rua os enfrentou. Tratava-se de uma falsa acusação de pedofilia, acontecida em julho de 1907, "verdadeira e própria empresa diabólica, destinada a demolir a Congregação Salesiana". De fato, a notícia fez rapidamente o giro da Itália, com títulos muito grosseiros nos jornais e com reações tais que as obras salesianas de Sampierdarena, Alassio, Savona, Faenza, Florença e alhures foram miradas por pessoas exaltadas. Só em junho de 1908 o tribunal de Savona reconheceu a total inconsistência das acusações movidas contra os Salesianos e passaram-se outros dois anos para que o mesmo tribunal, em 2 de agosto de 1910, julgasse fundamentada a denúncia por calúnia e difamação pública.

Num primeiro momento, o padre Rua sentiu-se deprimido e angustiado, chorou e rezou ao ver como a Congregação era atacada. Ao recuperar-se, porém, reagiu com energia com o Ministério do Interior da Itália. Ele expressou o seu sentimento mais profundo, sobretudo, nas atas das reuniões do Conselho Superior. Em 5 de agosto, o padre Rua, depois de recordar "o ponto crítico em que nos encontramos, talvez o mais crítico que a Congregação tenha atravessado, fazendo abstração da malignidade dos homens", acrescentou que "quer ver nisso uma advertência do Céu, do Venerável Dom Bosco, e gostaria de aproveitar para purificar sempre mais as nossas casas eliminando os indignos e afastando a ofensa de Deus, finalidade última da obra de Dom Bosco. O Sr. Padre Rua propõe, antes

de tudo, que se vá muito devagar e com toda precaução na aceitação ao noviciado, à profissão e às sagradas ordenações".[58]

Para conhecer melhor o pessoal das casas, era preciso iniciar uma inspeção geral. Segundo a ata, foram tomadas quatro decisões que causam admiração por terem sido tão corajosas quanto atuais: "1. Afastar do consórcio dos jovens aqueles que (sejam sacerdotes, clérigos ou coadjutores – professos, inscritos ou familiares) se mancharam gravemente por moralidade ou crueldades. 2. Dar outra ocupação aos Diretores que não estão aptos a desempenhar o seu ofício, sobretudo para a direção dos irmãos e a vigilância dos jovens. 3. Reduzir o número dos Inspetores para poder ter assim um número maior de duplas de bons Diretores e confessores, do que se sente grande necessidade. 4. Estabelecer durante o ano 1907-1908, quase contemporaneamente, uma visita geral a todas as casas da Congregação, com a finalidade de manter debaixo dos olhos o verdadeiro estado moral, disciplinar, econômico de toda a Congregação. [...] O Sr. Padre Rua acrescenta que, quando houver acusações de imoralidade, é preciso que os superiores locais vão bem a fundo na gravidade da falta e refiram-na logo e bem, para que se possam tomar as decisões tidas por oportunas, entre as quais ele acena a de fazer depor o hábito talar quando o culpado fosse um clérigo ainda não *in sacris*".[59]

No ano em que celebramos o centenário da sua morte, o padre Rua encoraja-nos e inspira-nos na árdua tarefa que está diante de nós. Após aquelas orientações, ele dedicou algumas reuniões do Conselho Superior para buscar caminhos de atuação das decisões tomadas e outras para encontrar todos os Inspetores. O padre Rua é, para nós, exemplo, patrono e intercessor.

CONCLUSÃO

Caríssimos irmãos, escrevi-lhes com o coração na mão e a mão no coração, deixando-me iluminar pelo texto do Evangelho de

[58] Ata do Capítulo Superior, 5 de agosto de 1907, in FdR 4247A11.
[59] Ibidem, in FdR 4247A11-12.

João, no qual Jesus nos trata como amigos, não nos chama de servos, revela-nos os segredos do Reino e nos convida a permanecer nele, como o ramo à videira, para ter vida e ser fecundos.

Espero que esta carta e as orientações propostas sirvam para todos nós, ajudem-nos a retornar a Dom Bosco e à alegria de viver como testemunhas de uma autêntica cultura da castidade e inspirem-nos ações concretas e linhas programáticas para o futuro.

A todos, o meu afeto e a minha bênção.

P. Pascual Chávez Villanueva
Reitor-Mor